

## FESTA: A DÁDIVA DO ESPAÇO

*Marielys Siqueira Bueno<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Supõe-se haver na sociedade mecanismos que contrabalançam os aspectos alienantes da economia e as limitações opressoras do poder. A festa, através de sua linguagem simbólica, estaria entre esses mecanismos, especialmente os festejos das tradições populares, pois nelas, a sociedade recupera seu sentido de participação e construção de identidade. Nas múltiplas abordagens possíveis da festa, aponta-se o fato de ser um campo privilegiado para a prática da hospitalidade especialmente por conter a noção da dádiva, no seu aspecto primordial que é a criação de vínculos.

**Palavras chave:** festa; hospitalidade; turismo

“Uma cidade, um povo, mesmo um grupo mais ou menos restrito de indivíduos, que não logrem exprimir coletivamente sua imoderação sua demência, seu imaginário, desintegra-se rapidamente” (MICHEL MAFFESOLI)

Capra, em sua obra ‘As conexões ocultas’ (2002, s.n.), diz que “a capacidade marcante do nosso planeta é a sua capacidade intrínseca de sustentar a vida” e sinto-me tentada a parafraseá-lo dizendo que a capacidade marcante do Homem é sua capacidade intrínseca de sustentar a vida social. Entre os mecanismos alienantes da economia e as limitações opressoras do poder, o Homem reage infiltrando, nos interstícios da sociedade, formas revitalizadoras para recuperar seu sentido de participação e construção de identidade.

Hannah Arendt (apud Godbout, p. 237) já dizia que “quanto mais uma civilização é desenvolvida, mais completo é o mundo que ela produz, mais os homens se sentem à vontade no artifício humano, mais eles têm ressentimentos por tudo que não produziram, tudo que lhes é simples e misteriosamente dado”.

Assim, numa convivência solidária, em diferentes modos de ser e viver, os homens criam, imaginam e inventam formas de sustentar o humano no social, a identidade na impessoalidade.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora - Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Entre esses mecanismos, um espaço se destaca – a Festa. Particularmente as festas que são manifestações da cultura popular pelo seu grande potencial criativo e de integração. Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz diz que a “sociedade comunga consigo mesma na festa” e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência. (Paz, 1984,p.32)

A Festa, em todas as suas diferentes modalidades e seus múltiplos significados e contextos, têm em comum o fato de criar um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais, a parte humana vital da chamada ‘teia da vida’.

A Festa - esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo - tem muitas faces. Aqui quero destacar a festa ‘à brasileira’, no dizer de Rita Amaral (1998) para referir os festejos da cultura popular de caráter comunitário nos quais a participação do povo brasileiro se mostra de forma vigorosa. Para ela, a festa constitui uma linguagem simbólica que traduz muitos valores nacionais.

Em sua propriedade simbólica estaria a essência de seu papel e de sua importância, pois, como nos mostra Jung, os símbolos não são importantes apenas para o crescimento e estabilidade psicológica do indivíduo, mas, também, desempenham a função social muito importante de unir o indivíduo à coletividade mantendo-a coesa. E não apenas isso, pois, como mostra Amaral, a festa é uma “linguagem capaz de expressar simultaneamente muitos planos simbólicos capaz de tornar compreensível a vida num país em que as contradições de todos os tipos são realçadas diariamente” (op.cit, p.12).

Podemos também acrescentar a posição de Maria Laura Viveiros de Castro (Castro,s.d.) para quem “a natureza simbólica das festas com sua plasticidade e multiplicidade de meios de expressão tornam-nas particularmente adequadas à expressão da história, dos valores, dos conflitos e da dinâmica social dos grupos e regiões que as promovem”.

Carlos Rodrigues Brandão também identifica a festa como um acontecimento social de efeito identificador. Diz ele: “A festa é um tipo de ritual e os limites do ritual podem ser alargados a todas as ações que objetivam e produzem comunicação social” (Brandão, 1974,p30).

Pode-se dizer, também, que elas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e fazem oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas.

A complexidade e riqueza da festa têm sido abordadas por vários autores. Rita de Cássia Amaral (1998), em ‘Festa à brasileira’, diz que a festa é, conforme o contexto, capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência social. É capaz, ainda, de resolver, pelo menos no plano

simbólico, contradições da vida social, apontando assim, para seu poderoso papel de mediador entre as estruturas econômicas, bem como entre as diferenças sociais e culturais, estabelecendo pontes entre grupos, realidades e utopias, além de suas mediações simbólicas entre o sagrado e o profano. Ainda segundo Amaral, a festa é capaz de apreender o sentido de cidadania proporcionando um despertar da consciência. Por essas razões, entre outras, que ela atribui, às festas, uma tríplice importância: **cultural**, por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção; como **modelo de ação popular** e como **produto turístico** capaz de revitalizar e revigorar muitas cidades.

No processo comunicacional da festa que Luiz Beltrão chama de ‘folkcomunicacional’, Cristina Schmit Silva (Silva,2002,p.35) aponta um dinamismo da maior importância, no qual essas festividades populares “não manifestam apenas os aspectos tradicionais, mas assimilam características decorrentes do processo maior dando-lhes novas formas, novos significados”.

Vemos, portanto, que a festa é uma realidade social que requer abordagens e interpretações múltiplas e complementares. Entre elas, gostaria de ressaltar o fato de que ela é um campo privilegiado para a prática da hospitalidade que, segundo Godbout, é, antes de tudo, a dádiva do espaço.

Para essa reflexão vamos considerar que “hospitalidade é interação entre seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação”. (Camargo, 2002, p.19). As festas constituem um cenário importante e atraente da cultura e, por isso mesmo, oferecem um espaço e um momento extremamente favorável ao acolhimento, para hospitalidade, principalmente porque nada na sociedade atual favorece tais encontros devido à fragmentação do espaço urbano e o estilo de vida que comprometem a convivialidade e empobrece as relações.

A dádiva, que permeia a hospitalidade, e cuja função primordial é criar laços e estabelecer relações, seria o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos primários. M.Godelier, um dos pesquisadores empenhados em rever a questão da dádiva indaga em “O enigma do dom”, qual seria o lugar que resta para a dádiva em nossas sociedades ocidentais nas quais a dádiva não é mais um meio necessário para produzir e reproduzir as estruturas de base da sociedade. E, segundo ele, a resposta estaria no fato de que hoje, diante da amplitude dos problemas sociais e da incapacidade do mercado e do Estado de resolvê-los, a dádiva está em vias de voltar a ser uma condição objetiva, socialmente necessária, da reprodução da sociedade (Godelier, 1996, p.8).

A festa supõe, evidentemente, o acolhimento do ‘outro’, uma expansividade coletiva e, na hospitalidade que nela se supõe, se dá, além da dádiva da festa e do espaço, a doação de si

mesmo, estabelecendo, assim, uma dinâmica de reciprocidade que se identifica com a base da teoria de Mauss.

Brandão identifica esse aspecto em seu estudo da Cavalhada, festa de Pirenópolis, citando “o valor da dádiva está em que são elas as que articulam relações entre os que fazem circular: em seu próprio nome, no de seu povo ou nos seus deuses. Parceiros obrigados à troca de dons e contradons trocam com eles gestos de reconhecimento, afirmações de respeito e gentileza e, de certo modo, doam-se a si próprios”,.(Brandão, 1974, p.43).

É bem conhecido o fenômeno de que as festas ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas crescem, se multiplicam e ganham visibilidade. Muitas festas tradicionais tornaram-se atrações turísticas, exercendo pela sua organização, uma ação de destaque, podendo alcançar o nível de instituição nacional.

As relações sociais que estão na base dessas manifestações ganham outras dimensões e induzem a modificações importantes.

Antes de tudo, a preparação da festa ganha proporções muito mais complexas e muito mais elaboradas e, nessas celebrações regionais, o luxo e a sofisticação podem se tornar muito acentuados.

Além disso, pequenas cidades, vilas antes desconhecidas, ganham, através dessas festas tradicionais, uma visibilidade nacional que favorece o fortalecimento da identidade local. Os habitantes de Pirenópolis, por exemplo, na época da Cavalhada, são bastante calorosos no acolhimento dos que chegam para participar da festa e exibem um orgulho genuíno ao falar dela e ao mostrar a sua cidade. O mesmo acontece com os habitantes Parintins - uma pequena ilha do rio Amazonas - por ocasião da Festa do Boi-Bumbá. A cidade toda se mobiliza para recepcionar os visitantes. Uma atividade frenética, acolhedora e um orgulho indisfarçável tomam conta de seus moradores. O mesmo se pode dizer com relação às várias outras cidades do Brasil que hoje são cenários de festas de alcance nacional.

De 5 a 8 de junho de 2001, a comunidade acadêmica da Universidade do Amazonas promoveu um encontro para uma reflexão densa sobre o Boi de Parintins. O resultado das comunicações, dos depoimentos e das mesas-redondas foi publicado numa edição especial da Somanlu - Revista de Estudos Amazônicos (Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, Ano II, nº 2 – Edição Especial). Esse tema gerou muitas e variadas reflexões e muitas delas focalizaram as transformações ocorridas no Festival e no seu ritual em função do número crescente de visitantes no Festival. A oposição entre brincadeira popular e espetáculo, entre cultura popular e cultura de massa, as questões como mercantilização

e espetacularização etc., são aspectos essencialmente semelhantes aos apontados por estudiosos de outras festas brasileiras que passam por processos de expansão parecidos.

É inevitável que essas festas se atualizem na medida em que incorporam técnicas que a modernidade oferece e insere no seu espetáculo. É inevitável, também, principalmente pela força do movimento turístico, que cresça o fluxo de visitantes. Evitar as transformações nos rituais e evitar alguns efeitos indesejados na comunidade é uma questão tão polêmica quanto evitar as conseqüências da modernidade.

Devemos considerar que, embora a modernização da sociedade tenha se aprofundado e que as diversas modalidades de comunicação tenham padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa, é notável perceber que a cultura popular, especialmente através de seus festejos, revela uma extraordinária vitalidade.

Além disso, apesar da mercantilização e espetacularização, as festas continuam fazendo, em seus espetáculos, uma interpretação dos mitos, lendas e história, através da elaboração da expressão de uma imaginação simbólica que desempenha o seu papel revelador e crítico. Vale lembrar Marilena Chauí (1986) quando aborda a questão da resistência. Diz ela que entre o código de comportamento previsto pelos padrões de relacionamento e a sua incorporação na prática, temos de contar com a imprevisibilidade da ação e da reação dos atores sociais. Aponta, também, que a comédia popular poder ser uma crítica corrosiva, irreverente, desrespeitosa de todas as instituições sociais, dos valores e idéias dominantes, sendo dessa forma, o avesso revelador da realidade.

Por outro lado, ao tornar-se secular, a sociedade moderna passa, também, por um processo de desaparecimento da sociabilidade pública, de um esvaziamento do significado do espaço público, e nessa condição, o sentido e o valor que a festa possa ter agora pede uma reflexão ampla para compreender a função da hospitalidade que ela representa.

Evidentemente, esse dinamismo, essas novas configurações representam um grande desafio para os estudiosos desse fenômeno.

No debate sobre o Boi de Parintins, onde se procurou apresentar as articulações do festival com a comunidade local, vale lembrar um aspecto da maior importância apontado no depoimento de, Raimundo D. Vieira Filho: “a cultura regional se revitaliza e contribui para a construção de uma identidade amazônica em diálogo com a cultura mundial”. Pode-se dizer a mesma coisa para as festas populares brasileiras pois todas, “valorizando os mitos, a religião e a arte como formas de interpretar a realidade, transformam-se em um dos caminhos para o reencantamento do mundo”. Esta posição é compartilhada por vários autores entre os quais cito Maria Laura V de

Castro (op.cit) “as festas não resolvem conflitos e desigualdades mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças”.

**Bibliografia:**

Anuário de Comunicação Regional n1 nº 5. UNESCO/UMESP, São Paulo. 1997

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa ‘à brasileira’: significados do festejar num país que ‘não é sério’*. São Paulo, Tese de doutorado apresentado ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1998.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbá de Parintins*. Amazonas, EDUA/FUNARTE, 2002

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. *Cavalhadas de Pirenópolis*. Goiânia, Oriente, 1974

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola*. Petrópolis, Vozes, 1997.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Os domínios da Hospitalidade*. In DENKER, Ada de F. M. e BUENO, Marielys. S.(orgs) *Hospitalidade: Cenários e oportunidades*. São Paulo, Thomson, 2003.

CAPRA, Fritjof. *As Conexões ocultas*. São Paulo, Cultrix, 2002.

CASTRO, Maria Laura Viveiros. *Superproduções populares*. < disponível em <http://www.minc.gov.br/olhar/superproduções>> acesso em 28: jul. 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.) *Carnavais e outras festas*. Campinas, UNICAMP, 2002.

GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Ed.Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, Maurice. *L’Enigme du don*. Paris, Flammarion, 1996.